

---

## As Faixa Rosa da cena Trap BR: empoderamento feminino, representatividade e muito *flow*<sup>1</sup>

Tamiris de Assis COUTINHO<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### RESUMO

O artigo tem o objetivo fazer uma exploração inicial sobre a cena Trap no Brasil, sobretudo quanto à atuação das mulheres no subgênero do Rap. Para tal, faz uma breve contextualização sobre a origem do Trap nos Estados Unidos e seu desenvolvimento em solo brasileiro. Para o entendimento do Trap no Brasil, utilizam-se as contribuições de Pereira de Sá quanto aos conceitos de cena musical, gênero pop periférico e Rede Brasileira de Música Pop Periférica. A fim de debater a importância da movimentação das mulheres no Trap, há a análise das artistas Ebony, Cristal e Onnika quanto aos aspectos de empoderamento, representatividade e *flow*.

**PALAVRAS-CHAVE:** cena musical; trap; empoderamento feminino; representatividade; *flow*

### Introdução

Minha ligação com o Trap, assim como a própria história do subgênero, é recente, mais especificamente, começou em 2018, após eu ter contato com a música *Meu Mundo*, parceria entre WC no Beat, MC Cabelinho, Hariel, PK e Orochi. Ao ouvir a canção, me questionei “que estilo diferente é esse?”. A resposta foi: Trap Funk. No período, estava no curso de graduação e focada em realizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tinha como objeto de estudo o funk. E foi na jornada do TCC, quando comecei a pesquisar sobre as vertentes do funk, que o trapfunk despertou o meu olhar de pesquisadora para o Trap no Brasil. Agora, como mestranda em comunicação, dou início a uma nova etapa na minha trajetória acadêmica com o objetivo de compreender o trap e como ele vem se destacando na indústria musical. No entanto, ainda que o trap venha ganhando cada vez mais importância, a visibilidade das mulheres é menor. Nesse

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense – UFF. Orientanda de Simone Pereira de Sá e participante do Laboratório de Pesquisa em Culturas Urbanas e Tecnologias, e-mail tamiriscoutinho@id.uff.br

---

sentido, pretende-se, com o artigo, além de realizar uma exploração inicial sobre o Trap no Brasil, fazer um recorte específico quanto à atuação das mulheres no subgênero.

Por ser um subgênero do Rap, que é um dos principais pilares da cultura Hip Hop, para analisar o Trap é preciso compreender também o movimento e a ascensão do Rap como gênero musical. Dessa maneira, na primeira parte do estudo, destaca-se o processo que antecedeu a chegada do Trap ao Brasil evidenciando brevemente o desenvolvimento do subgênero nos Estados Unidos a partir da movimentação dos pioneiros T.I e Gucci Mane, na cidade de Atlanta. Para embasar o proposto, são utilizadas as considerações de Thífani Jacinto (2010), Kellner (1995) e Oliveira e Sena (2019).

Na segunda parte do artigo, há o debate sobre a chegada do Trap estadunidense em solo brasileiro, a partir de 2014, nas cidades de Vitória (Espírito Santo) e Guarulhos (São Paulo). A partir da iniciativa de pioneiros como Raffa Moreira, Klyn e o coletivo Recayd Mob, o Trap passou a incorporar as sonoridades, gírias, formas de cantar, vestir, e dançar, específicas das diversas localidades brasileiras. Por conta disso, os aspectos presentes no subgênero são complexos e heterogêneos. Nesse sentido, as contribuições de Pereira de Sá (2011, 2013) quanto aos conceitos de cena musical são pertinentes para a análise.

O Trap nos Estados Unidos se desenvolveu inicialmente nas localidades periféricas da cidade de Atlanta para posteriormente atingir o *mainstream da black music* estadunidense. Esse processo vem se repetindo no Brasil, principalmente, devido à ligação do subgênero com o mercado digital e redes sociais que ampliam sua visibilidade. Assim, no artigo, há a compreensão do Trap no Brasil a partir da perspectiva do pop periférico (PEREIRA DE SÁ, 2019) e da Rede de Música Brasileira Pop Periférica (PEREIRA DE SÁ, 2019).

Por ser um subgênero relativamente novo, não há uma vasta bibliografia sobre o tema, sobretudo em português. Dessa forma, para tratar especificamente do Trap, evidencio as considerações de materiais e entrevistas de canais de comunicação online e a pesquisa *O Funk e o Rap em Números*, publicada na 32ª edição da Revista Observatório.

A fim de analisar a atuação das mulheres no Trap, as duas últimas partes se dedicam a tratar especificamente desse recorte. Para tal, evidenciam-se a pesquisa *O que*

*o Brasil Ouve – Edição Mulheres na Música*, publicada pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), o estudo *Por Elas Que Fazem a Música*, da União Brasileira de Compositores (UBC), e as informações do Núcleo de Pesquisa e Organização de Dados e Informações. Posteriormente, a fim de tratar da manifestação das *trappers* brasileiras, destacam-se três artistas de grande relevância para a cena no Brasil: Ebony, Cristal e Onnika. Partindo das artistas mencionadas, há a discussão da atuação das mulheres no trap quanto aos parâmetros de empoderamento, representatividade e *flow*. Nessa parte, além das pesquisas mencionadas, utilizam-se dados colhidos nos perfis das artistas no Spotify e Youtube, o estudo realizado anteriormente (COUTINHO; 2021) e a dissertação de Joelma dos Santos (2016).

### **Atlanta e Desenvolvimento do Trap do Estadunidense**

Para debater sobre o Trap no Brasil é valioso entender a importância do movimento Hip Hop e sua influência nos Estados Unidos, afinal, o Trap é um subgênero do Rap, que é um dos pilares da cultura Hip Hop. O Hip Hop se desenvolveu inicialmente no Bronx, Nova York, durante a década de 1970, a partir de festas idealizadas e promovidas pelos DJs Kool-Herc e Grand Master Flash. Atento às movimentações dos DJs, Afrika Bambaataa, tido como criador do Hip Hop por usar o termo pela primeira vez, deu início ao movimento após criar a Zulu Nation<sup>3</sup>. O movimento Hip Hop tem como principais elementos o DJ, o Grafite, o Rap e o Break. Portanto, por abarcar música, arte, dança e discurso, movimentou a *black music* estadunidense. Devido à iniciativa de seus participantes, o movimento desenvolveu novas tecnologias, como *sound systems*<sup>4</sup>; inovou com diferentes técnicas, como o *scratch*<sup>5</sup>; fomentou variadas sonoridades, como a utilização do *sampler*<sup>6</sup>; e disseminou novas formas de cantar, o Rap. Abreviação de *Rhythm and poetry* (“ritmo e poesia”, em tradução livre), o Rap se destacou sendo a manifestação mais evidente do Hip Hop. Conforme evidencia Kellner (1995, p. 230), “RAP é uma forma de falar ou fazer música em que o R significa rima e ritmo, e o P, poesia - e em alguns casos política”.

<sup>3</sup> Segundo Leal (2007), em 1973, Bambaataa fundou a Universal Zulu Nation, uma organização não-governamental que teve como lema a frase “Paz, Amor, União e Diversão”. Nessa organização - ainda existente -, Bambaataa reuniu DJs, dançarinos, MCs e grafiteiros, além de promover palestras sobre diversos temas como matemática, economia, prevenção de doenças entre outros (JACINTO, 2019; p. 100).

<sup>4</sup> Aparelhos de reprodução de áudio com caixas de som de alta potência.

<sup>5</sup> Movimento de arrastar os discos em sentido anti-horário para produzir um som arranhado.

<sup>6</sup> Técnica que utiliza partes de uma música na produção de outra.

---

A partir de 1980, o Rap ganha mais destaque, tornando-se um gênero musical. Partindo dele, diversos subgêneros foram surgindo a fim de abarcar as particularidades dos diversos grupos de pessoas e regiões dos Estados Unidos. Um desses subgêneros é o Trap.

O debate acerca da origem do Trap envolve alguns embates, principalmente, pelo fato do subgênero não se ater somente aos aspectos da sonoridade e da produção musical, mas também a questões estéticas, de discurso, estilo de vida e formas de cantar. Em meados dos anos 1990, já era possível encontrar alguns sons que futuramente seriam característicos do Trap, como os encontrados na mixtape *Underground Vol. 1*, de 1999, do grupo Three 6 Mafia, representado por Juicy J e o produtor DJ Paul. No entanto, foi a partir dos anos 2000 que a cena começou a se formar, mais especificamente, a partir da movimentação ocorrida em Atlanta.

Atlanta é uma cidade localizada no estado da Georgia, sul dos Estados Unidos. Devido ao seu posicionamento geográfico, a cidade tem fácil ligação com as outras localidades do país e é uma região com grande fluxo de transportes e pessoas. Com um dos principais aeroportos dos Estados Unidos e diversas rodovias, Atlanta é um ponto propício para o escoamento e distribuição de mercadorias, como drogas e armas ilícitas. O contexto geográfico, unido às questões sociais e econômicas da cidade, como ausência de políticas públicas para os moradores das áreas periféricas, acabou desencadeando um território ocupado por traficantes de drogas e suas *traps*. Traduzido para o português, *trap* significa armadilha, mas pode ser usada como gíria para designar o que no Brasil chamamos comumente de “boca de fumo”, ou seja, pontos de venda de entorpecentes comandados por traficantes locais. E um desses traficantes se tornaria um dos pioneiros da cena Trap, o *rapper* T.I.

Sentindo a necessidade de evidenciar a realidade das pessoas ao seu entorno, T.I começou a cantar sobre o ambiente que estava inserido, sendo os temas principais o tráfico de entorpecentes, o uso de drogas e o dia a dia dos traficantes. Ele movimentou a *black music* estadunidense com o lançamento do seu álbum *Trap Musik*, de 2003. Além de T.I, Gucci Mane também é tido como pioneiro devido ao lançamento do álbum *Trap House*, de 2005. Conforme análise realizada no artigo *Do Rap ao Trap: Uma análise do subgênero no cenário brasileiro*:

---

Devido às suas origens e ligação próxima com temas tão delicados, o conteúdo do Trap se apresenta como reflexo da onde veio. O sub gênero, diferente do Rap, permite-se a abandonar o compromisso lírico, onde em muitas vezes é possível se utilizar de palavras soltas ou onomatopeias para construir os versos das composições e transmitir a mensagem trapper ligadas à dinheiro, ostentação de bens luxuosos, drogas e sexo (OLIVEIRA, SENA; 2019, p. 9).

Com a ampliação dos atores envolvidos na indústria musical, o subgênero começou a sair do *underground* e o som de Atlanta passou “da música tocada nas *traps*” para se transformar em um dos subgêneros mais conhecidos e influentes do Rap.

Novas sonoridades, formas de cantar e temas foram incorporados ao subgênero dando a ele mais versatilidade e visibilidade, ambas ampliadas pelas tecnologias e a internet. Dessa forma, o Trap passou a impactar diversos locais e chegou ao solo brasileiro como será discutido a seguir.

### **A Cena Trap no Brasil**

O Trap começa a ganhar visibilidade no Brasil, inicialmente, a partir de 2014, com mais destaque em Vitória (Espírito Santo) e em Guarulhos (São Paulo). Mesmo que o Trap já estivesse presente no circuito musical de Vitória, foi na cidade paulista que o subgênero começou a ganhar mais evidência.

A partir da iniciativa de entusiastas do movimento Hip Hop que estavam atentos ao rap estadunidense, o Trap brasileiro começou a se firmar no circuito musical. Raffa Moreira, Klyn e o coletivo Recayd Mob, formado por Derek, Dfideliz, Mc Igu e Jé Santiago, são alguns dos atores responsáveis por fomentar o subgênero.

Partindo da influência dos Estados Unidos, o Trap no Brasil vem se desenvolvendo e abarcando as sonoridades, temáticas, estilos de vida e gírias específicas das diversas regiões brasileiras das quais os *trappers* fazem parte, tornando o subgênero complexo e em constante construção. Nesse sentido, é possível observar o Trap a partir da perspectiva da cena musical. Conforme destaca Pereira de Sá:

A noção de cena musical – popularizada a partir do trabalho de Straw nos anos 90 – tem se demonstrado uma produtiva porta de entrada para a abordagem das dinâmicas de sociabilidade, afeto e gregarismo que envolvem a música. Utilizada com diferentes acepções por aqueles que compartilham laços e afetos a partir da paixão por um gênero musical, pelos jornalistas dos cadernos culturais ou por pesquisadores acadêmicos, ela tornou-se uma lexível categoria

---

para lidar com diferentes expressões das redes musicais que se espalham pelo tecido urbano e que lidam com a multiplicidade de informações, com o dinamismo dos laços afetivos e com as múltiplas alianças construídas em torno da música (SÁ; 2013, p. 27).

Corroborando com Straw, Pereira de Sá evidencia as seguintes perspectivas para definir as cenas musicais:

a) Um ambiente local ou global; b) Marcado pelo compartilhamento de referências estético-comportamentais; c) Que supõe o processamento de referências de um ou mais gêneros musicais, podendo ou não dar origem a um novo gênero; d) Apontando para as fronteiras móveis, luidas e metamórficas dos grupamentos juvenis; e) Que supõem uma demarcação territorial a partir de circuitos urbanos que deixam rastros concretos na vida da cidade e de circuitos imateriais da cibercultura, que também deixam rastros e produzem efeitos de sociabilidade; f) Marcadas fortemente pela dimensão midiática (Sá; 2011, pg.157).

Partindo da definição proposta por Sá, é possível compreender o Trap sob a ótica da cena musical por ser possível observá-lo quanto a sua potência estética, cultural, musical, territorial, social e midiática. Devido aos aspectos mencionados, o Trap vem movimentando a cultura periférica e a indústria fonográfica. Nesse sentido, pode ser considerado um subgênero pop periférico, ou seja, um subgênero que se desenvolve em circuitos locais, geralmente em paralelo à atuação das grandes gravadoras e que tem forte conexão territorial com favelas e periferias (PEREIRA DE SÁ, S., 2019). Já corroborando com o aspecto da dimensão midiática, o subgênero pode ser analisado sob a perspectiva da Rede de Música Brasileira Pop Periférica, pois tem grande articulação com as redes sociais. Conforme destaca Simone de Sá:

É nesse sentido que propomos a noção de Rede de Música Brasileira Pop Periférica como uma rede sócio-técnica. Uma noção que aponta para os vínculos que se constroem entre gêneros distintos no ambiente das redes sociais; mas que ao mesmo tempo busca não homogeneizar – ou nos dizeres da TAR - não “tornar plana” as diferenças que se mantêm entre eles (PEREIRA DE SÁ, S., 2019, p.30).

No Brasil, assim como aconteceu nos Estados Unidos, o subgênero passou a ganhar relevância nacionalmente e ser um dos estilos mais consumidos nas plataformas de *streaming*. De acordo com o estudo publicado pela Revista Observatório, somente no Spotify, o consumo do trap brasileiro, entre 2016 e 2019, aumentou 61% a cada ano. Já

---

entre janeiro de 2021 e janeiro de 2022, o rap, junto do funk, teve um aumento de 200% na lista de mais ouvidas do Spotify. Ainda segundo o estudo, na última semana de janeiro de 2022, duas das três primeiras posições do Spotify (primeiro e terceiro lugar) foram ocupadas por artistas representantes da cena trap: *Xamã* (com Malvadão 3) e Chefin (com 212), respectivamente.

Nas produções musicais evidenciadas, estão presentes a sonoridade, o discurso e a forma de cantar característicos do Trap. No sentido da sonoridade, variados *beats* (batidas), ora suaves e melódicos, ora pesados e agressivos. Nos discursos, letras que falam de drogas, festas, sexo, dinheiro, além dos “papos de visão” sobre desigualdades sociais, racismo, superação e motivação. No jeito de cantar, o *flow* (a forma como as palavras vão sendo unidas à melodia do *beat*) e o auto-tune (programa que tem a funcionalidade de modificar, corrigir, afinar ou distorcer a voz).

As músicas citadas, que foram destaque nas primeiras posições do Spotify conforme a pesquisa do Observatório Cultural, são representadas por artistas homens, o que provoca o debate quanto à maior visibilidade masculina na cena. No entanto, as mulheres estão atuantes no Trap, garantindo a representatividade feminina. Todas as características do subgênero são fielmente repercutidas por elas como será discutido a seguir.

### **A Mulher na Cena Trap Brasil**

Desde que o Rap chegou ao Brasil, por volta de 1980, com mais evidência em São Paulo, o gênero tem um destaque maior para a atuação dos homens. No entanto, as mulheres sempre estiveram presentes, conquistando espaço, mesmo tendo que lutar contra o patriarcado.

No relatório *O que o Brasil Ouve – Edição Mulheres na Música*, publicado pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), em 2021, o aumento da quantidade de mulheres titulares de direitos autorais foi de 5%. Um crescimento tímido, mas que deve ser evidenciado. Afinal, as 23 mil beneficiárias representaram apenas 10% do total de titulares<sup>7</sup> contemplados com os direitos autorais no ano de 2021, demonstrando como ainda é necessário mais mulheres no ecossistema da música.

---

<sup>7</sup> Os titulares de música são os compositores, intérpretes, músicos, editores e produtores fonográficos filiados em uma das sete associações de música que administram o Ecad, a Associação de Músicos Arranjadores e Regentes (Amar), a

---

A menor participação da mulher também é destacada no estudo *Por Elas Que Fazem a Música*, da União Brasileira de Compositores (UBC). A edição publicada no início de 2022 evidenciou que do total de distribuição de direitos autorais, em relação a 2021, o percentual destinado às mulheres continuou estagnado em 9%. Do total de benefícios, 67% destinam-se a autoras, 26% a intérpretes, 5% a músicas executantes e 1% a produtoras fonográficas.

Conforme informações do Núcleo de Pesquisa e Organização de Dados e Informações, no ano de 2019, 84% das mulheres inseridas na indústria fonográfica relataram ter sofrido algum tipo de discriminação de gênero. Das mulheres pesquisadas, 49% afirmaram que o assédio sexual é uma realidade que precisam enfrentar diariamente. Sobre essa opressão, com foco no Rap, destaca Joelma dos Santos:

Se no universo musical do rap, de homens heterossexuais, as representações das mulheres, assim como a performance dos rappers, ainda permeiam os caminhos dos ranços de um patriarcado, indago como é ser mulher e rapper nesse mundo machista, sexista e misógino (SANTOS, 2016, p.29).

Buscando romper com a lógica patriarcal, no Brasil, com mais destaque a partir dos anos 1990, as pioneiras Sharylaine, Dina Di e Kmila CDD usaram suas rimas para ocupar o lugar delas no Rap. No entanto, mesmo com a atuação de *rappers* como as mencionadas e com o avanço do rap e seus subgêneros, as mulheres ainda estão em desvantagem. Na pesquisa da Revista Observatório, baseada nos dados de registros da ONErpm (uma das principais distribuidoras digitais de música do Brasil), observa-se a predominância masculina. A partir da análise dos cem artistas com maior execução na base da distribuidora, evidencia-se a representatividade de apenas 8% de mulheres no rap e 17% no funk. Os números refletem a dificuldade encontrada por elas de se inserir, manter e ganhar visibilidade em uma indústria que reflete a desigualdade de gênero. Contudo, ainda que com menor visibilidade em comparação aos homens e tendo que romper com a ideologia patriarcal e suas manifestações machistas, cada vez mais mulheres estão ocupando seu espaço no rap. Ainda de acordo com Joelma dos Santos em sua pesquisa:

---

Associação de Intérpretes e Músicos (Assim), a Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música (Sbacem), a Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais (Sicam), a Sociedade Brasileira de Administração e Proteção de Direitos Intelectuais (Socinpro) e a União Brasileira de Compositores (UBC). Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-03/participacao-feminina-ainda-e-desigual-no-mercado-musical>



As rappers ousaram e ousam na medida que vão conquistando mais espaço dentro do rap. Mas, isso não pressupõe a conquista da igualdade de gênero. As mulheres rappers sempre tiveram que afirmar seu valor para elaborar um repertório poético com suas expectativas. Mesmo com todos esses obstáculos, construídos pelo machismo, as rappers, consideradas aqui como “divas da rima” enfrentam os “rappatriarcados”, que ainda persistem em enxergar o mundo sob a ótica machista, sexista e misógina (SANTOS, 2016, p. 31).

No Trap, as mulheres têm mantido a ousadia manifestando resistência e força através de suas rimas. Em uma cena dominada por homens que falam sobre sexo, festas, drogas e criminalidade, as letras compostas e interpretadas pelas *trappers* também se voltam para essas temáticas, mas simultaneamente acionam questões importantes que perpassam suas realidades, incluindo pautas feministas, valorização da estética da mulher negra e equidade de gênero. Ao evidenciar essas questões, as “divas da rima”, com muito *flow*, fomentam o empoderamento feminino e a representatividade das mulheres.

### **As Faixa Rosa do Trap BR**

Em trabalho anterior, ao categorizar as gerações de mulheres no funk (COUTINHO, 2021), destaco a geração das “Faixa Rosa” como a mais recente. Por mais que no estudo realizado anteriormente a categoria permeie a atuação da mulher no funk, ela também pode ser usada como parâmetro de análise para entender a geração atual de mulheres também no Trap.

As chamadas “faixa rosa”, gíria utilizada para caracterizar as mulheres independentes, que ganharam destaque a partir de 2019, estão cada vez mais maduras e conscientes acerca da importância de suas manifestações. Resolvidas sexualmente, elas têm atitude, trabalham, estudam, se divertem, se cuidam, tem seu próprio dinheiro, ostentam seus bens materiais e deixam claro que não dependem de um homem nem de ninguém (COUTINHO, 2021, p. 81).

A expressão *Faixa Rosa* é comumente utilizada por jovens, principalmente da região sudeste, sobretudo do Rio de Janeiro, e, por isso, é encontrada, inclusive, em diversas letras de artistas da cena Trap local. Entre elas, *Faixa Rosa*<sup>8</sup>, parceria entre Jojo

---

<sup>8</sup> PAPANINHO. Faixa Rosa ft. Jojo Marontinni, MC Carol, MC Dricka. 1 Vídeo YouTube (2min46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JZbocJJYVNU> Acesso em: 5 jul. 2022.

Maronttinni, Mc Dricka e Papatinho, com versos como “Toda poderosa, faixa rosa exala o brilho”; *Faixa Rosa*<sup>9</sup>, da Azzy, com versos como “Ele me chama de braba, de faixa rosa”; e *Freestyle pra Faixa Rosa*<sup>10</sup>, do Bin, com versos como “As paty odeia porque ela é faixa rosa”. No videoclipe da música do Bin, inclusive, a personagem da “faixa rosa” é interpretada por Ebony uma das primeiras mulheres a ganhar destaque no trap nacional.

Ebony nasceu em Queimados, baixada fluminense do Rio de Janeiro, e seu primeiro trabalho foi produzido de forma independente, através de aplicativos de disponibilização de *beats*. A divulgação foi orgânica através de plataformas como o Soundcloud<sup>11</sup>. Após a repercussão, Ebony começou a construir sua carreira e atualmente, com mais de 305.022 ouvintes mensais no Spotify<sup>12</sup>, ela já é uma das principais referências no trap feminino. Entre suas músicas mais ouvidas, *Bratz*, *Glossy*, *Xoxo e Facetime*. Além dos trabalhos solo, Ebony participou do *Poetisas no Topo*<sup>13</sup>, da PineAppleStorm, e ganhou o prêmio artista Revelação do Rap no ano de 2019 pela Genius Brasil<sup>14</sup>.

Apesar de ter ganhado grande reconhecimento na cena, ela destaca a persistente desigualdade entre homens e mulheres. Em reportagem para o canal Jornalismo Júnior da ECA-USP<sup>15</sup>, Ebony evidencia: “Dizer que tem mais mulheres crescendo no *trap* é relativo se compararmos com a quantidade de homens que crescem. Mas definitivamente mais mulheres estão tentando e isso que importa”. Já em entrevista publicada pelo canal Medium<sup>16</sup>, Ebony destaca: “Eu gosto de ser a primeira mulher a fazer trap no Brasil, mas isso me assusta, por que já era pra ter mais!”.

As falas de Ebony corroboram com a desigualdade das mulheres na cena, no entanto, enfatizam sua importância visto que a atuação da artista incentiva a

<sup>9</sup> AZZY. Faixa Rosa (Prod. Boca Dos Beats). Azzy. 10 ago. 2020. 1 Vídeo YouTube (3min27s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_lwXyo8OlqQ](https://www.youtube.com/watch?v=_lwXyo8OlqQ). Acesso em: 5 jul. 2022.

<sup>10</sup> BIN – WillsBife. Freestyle pra faixa Rosa (Videoclipe Oficial). BIN. 7 abr. 2021. 1 Vídeo YouTube (2min19s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Reanome1iY>. Acesso em: 5 jul. 2022.

<sup>11</sup> O Soundcloud é uma plataforma online usada por profissionais da música, geralmente independentes, para publicar, colaborar, compartilhar, promover e distribuir áudios com suas produções.

<sup>12</sup> Dados colhidos diretamente no perfil da artista no Spotify em 06 de julho de 2022.

<sup>13</sup> Poetisas no Topo 2 - Stefanie | Cynthia Luz | Winnit | Ebony | Lourena | Kmila CDD. PineappleStormTV. 22 dez. 2019. 1 Vídeo YouTube (9min25s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N7IF02EN4nE>. Acesso em: 6 jul. 2022.

<sup>14</sup> O prêmio Genius busca celebrar não somente as músicas, mas também as histórias por trás das músicas e dos artistas, além das conexões criativas que impulsionam a cultura de forma significativa.

<sup>15</sup> FERREIRA, Pedro. A música trap e o drip da periferia. Jornalismo Júnior: ECA-USP, 10 fev. 2021. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/a-musica-trap-e-o-drip-da-periferia/>. Acesso em: 1 jul. 2022.

<sup>16</sup> PENA, João Victor. A ascensão feminina no trap, entrevista com Ebony. Medium, 4 jul. 2019. Disponível em: <https://jvppena.medium.com/entrevistaebony-e8c4815abc8c>. Acesso em: 1 jul. 2022.

movimentação de outras mulheres. Na reportagem *Trap, Estilo e Estética*<sup>17</sup>, do canal da revista Elle, Cristal e Onnika, outras representantes do trap nacional, citam Ebony como referência e inspiração. Nesse sentido, a relevância da Ebony na cena Trap está ligada diretamente ao conceito de empoderamento visto que sua atuação incentiva a inserção de outras mulheres na cena. Afinal, por mais que a pauta do empoderamento parta de uma iniciativa individual, ela nunca deve estar descolada da prática coletiva. Por isso, outras artistas seguem movimentando a pauta do empoderamento na cena e estão ganhando cada vez mais espaço, como a Cristal e a Onnika.

Cristal é gaúcha e começou no Slam (campeonato de poesia falada), sendo campeã regional. Ingressou na música em 2019 com *Rude Girl*<sup>18</sup>, mas foi com o segundo lançamento, a música *Ashley Banks*<sup>19</sup>, também de 2019, que o trabalho da artista repercutiu na cena. A música, inspirada no seriado *Um Maluco no Pedaco*<sup>20</sup>, busca romper com a estrutura racista e o imaginário social de pobreza ligado a pessoas negras.

Atualmente com 50.229 ouvintes mensais no Spotify,<sup>21</sup> Cristal busca impactar seu público e gerar reflexão através das suas rimas. Segundo a trapper em entrevista do canal GZH Música<sup>22</sup>:

Quando me vejo nessa outra posição, de alguém que pode inspirar outro alguém, que pode ser também referência, é uma responsabilidade muito grande. Mas, ao mesmo tempo, me motiva, porque tem muitas crianças que acompanham o nosso trabalho, tem muitas pretinhas dançando *Ashley Banks*.

Outro aspecto presente nas obras de Cristal, é a ênfase quanto a valorização e autoestima da mulher negra, fazendo circular o aspecto da representatividade. Em *Rude Boy*, ela destaca versos como “As nega tão banhada na autoestima, que perigo”.

<sup>17</sup> TRAP, ESTILO E ESTÉTICA: Conversamos com artistas do gênero em diferentes momentos de suas carreiras para entender a complexa e instigante estética do trap brasileiro. ELLE Brasil, 28 jul. 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/cultura/trap-estilo-e-estetica>. Acesso em: 1 jul. 2022.

<sup>18</sup> CRISTAL – Rude Girl (Prod. MDN Beatz). 30 jun. 2019. 1 Vídeo YouTube (3min26s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2QOd8R\\_9ACM](https://www.youtube.com/watch?v=2QOd8R_9ACM). Acesso em: 6 jul. 2022.

<sup>19</sup> CRISTAL - Ashley Banks (Prod. MDN Beatz) (Official Music Video). 1 Vídeo YouTube (3min39s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qJw\\_3bTnCFI](https://www.youtube.com/watch?v=qJw_3bTnCFI). Acesso em: 5 jul. 2022.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/um-maluco-no-pedaco/t/K1Ydnj2QC6/>

<sup>21</sup> Dados colhidos diretamente no perfil da artista no Spotify em 15 de julho de 2022.

<sup>22</sup> CONHEÇA Cristal, rapper gaúcha que já gravou com Djonga e lança seu primeiro EP. GZH Música, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2021/08/conheca-cristal-rapper-gaucha-que-ja-gravou-com-djonga-e-lanca-seu-primeiro-ep-cks6g84sk006w01937jksqpm5.html>. Acesso em: 1 jul. 2022.

Além de Cristal, outra *trapper* representante das mulheres na cena é a Onnika. Onnika lançou seu primeiro trabalho, a música *Ayo Bih*<sup>23</sup>, nas plataformas de *streaming* em 2019. Desde então, o crescimento da artista na cena é notável. Com cerca de 33.259 ouvintes mensais<sup>24</sup> no Spotify, ela já é reconhecida e respeitada como umas das principais artistas do trap nacional. Sua principal influência é a *rapper* estadunidense Nicki Minaj, artista que, inclusive, inspirou seu nome artístico (o nome de batismo de Nicki é Onika).

A inspiração na estética da *rapper* estadunidense e a utilização de características do *Soul* e *R&B* nas suas músicas, marcam o seu *flow*, que é característico e um dos principais diferenciais da artista. Na música *Ayo Bih* o *flow* é evidenciado na rima de versos como “Bonita bonita bonita ey. No meu pulso só os ouro ey. Tipo frozen tô bem ice ey. Suas rima é chata nem tenta ey. Mais flow que eu essas bih não tem”.<sup>25</sup> O diferencial de Onnika quanto ao *flow*, é importante para destacar que a habilidade de rimar, que devido a visão machista, era pertinente somente aos homens, cabe igualmente às mulheres.

Ebony, Cristal e Onnika são só algumas das representantes de uma cena complexa e repleta de mulheres diversas, cada uma com sua realidade e diferencial. A movimentação delas deve ser enaltecida, pois através de suas manifestações elas fazem circular temáticas como o empoderamento e a representatividade feminina em uma cena onde as mulheres, devido às manifestações machistas, precisam conquistar muito mais espaço e reconhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo central fazer uma exploração inicial sobre o Trap no Brasil, sobretudo quanto à atuação das mulheres na cena. Para tal, explorou brevemente a importância do movimento Hip Hop e a ascensão do seu principal pilar, o Rap, para demonstrar a origem do Trap nos Estados Unidos e como ele influenciou a cena brasileira, que vai desenvolvendo sua própria configuração. O subgênero que

<sup>23</sup> ONNIKA - AYO BIH (Vídeo Clipe Oficial). ONNiKA. 5 jun. 2019. 1 Vídeo YouTube (2min19s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CK2XYEwVqyk>. Acesso em: 5 jul. 2022.

<sup>24</sup> Dados colhidos diretamente no perfil da artista no Spotify em 65 de julho de 2022.

<sup>25</sup> No trecho, as palavras *frozen* e *ice* são gírias que remetem à jóias cravejadas de diamante. Já *bih*, remete a palavra Bitch, que pode ser traduzido para *puta* no português.

---

inicialmente se destacou em Guarulhos (São Paulo), hoje ocupa as primeiras posições de mais tocadas no Spotify. As sonoridades, gírias, formas de cantar, consumir, vestir, se comportar e dançar, específicas das localidades de onde os *trappers* são, tornam o subgênero complexo e rico sendo importante analisá-lo sobre a perspectiva das cenas musicais (PEREIRA DE SÁ; 2011, 2013).

A ascensão do Trap para além das regiões periféricas, onde inicialmente ganha mais destaque, demonstra seu potencial de subgênero pop periférico (PEREIRA DE SÁ, 2019) no sentido que consegue abarcar outros públicos, principalmente devido a sua ligação com o mercado digital e redes sociais. Por isso, o Trap também foi compreendido no estudo a partir da perspectiva da Rede de Música Brasileira Pop Periférica (PEREIRA DE SÁ, 2019).

Para debater a atuação das mulheres do Trap, realizou-se análise da manifestação de Ebony, Cristal e Onnika, *trappers* de grande relevância para a cena no Brasil, a fim de evidenciar como elas movimentam o empoderamento, a representatividade e o *flow* feminino em um universo onde a visibilidade masculina ainda é superior.

Por ser um subgênero relativamente novo, nos Estados Unidos ele ganha destaque a partir de 2000, e no Brasil a partir de 2014, não há uma bibliografia variada em português sobre o tema. Dessa forma, espera-se que o artigo possa contribuir para estudos futuros sobre o Trap no Brasil, sobretudo acerca da atuação das mulheres nesta cena musical.

## Referências bibliográficas

COUTINHO, Tamiris. Cai de boca no meu b\*c3t@o: o funk como potência do empoderamento feminino. 1. ed. São Paulo: Claraboia, 2021. v. 1. 160p.

CRISTAL SOBRE ASHLEY BANKS E O CONVITE DO DJONGA. Cortes PodHighCast [OFICIAL], 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bi8kRsPc3v8>. Acesso em: 3 jul. 2022.

ENTREVISTA COM CRISTAL | NEW HYPE. RAP TV, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tyrBGFDpDHk>. Acesso em: 3 jul. 2022.

GANDRA, Alana. **Participação feminina ainda é desigual no mercado musical**: Ecad divulgou dados por ocasião do Dia Internacional da Mulher. Agência Brasil, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-03/participacao-feminina-ainda-e-desigual-no-mercado-musical>. Acesso em: 1 jul. 2022.

HIP-HOP Evolution. [S. l.]: Netflix, 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80141782>. Acesso em: 1 jul. 2022.

JACINTO, Thífani Postali. Práticas culturais urbanas: estudo sobre o Blues e o Hip Hop como comunicações específicas de grupo. Dissertação. (Comunicação e Cultura) Universidade de Sorocaba, Sorocaba (SP), 2010.

KALUŽA, Jernej. Reality of Trap: Trap Music and its Emancipatory Potential. IAFOR Journal of Media, Communication & Film, 5(2), 2018.

KELNNER, Douglas. A cultura de mídia. Bauru, SP: EDUSC, 1995

O FUNK e o rap em números. 32. ed. Revista Observatório, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio/rap-funk-numeros-industria-cultural>. Acesso em: 4 jul. 2022.

O CAMINHO para a Trap-house: Apresentamos 10 discos para você entender o percurso encarado pelo sub-gênero até que ele se tornar o mais ouvido do mundo em 2019. Monkey Buzz, 14 set. 2019. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/materias/o-caminho-para-a-trap-house/>. Acesso em: 1 jul. 2022.

OLIVEIRA, Italo Antonio Gonçalves; SENA, Cláudio . Do Rap ao Trap: Uma análise do subgênero no cenário brasileiro. In: 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2019, Belém. 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. São Paulo: Intercom, 2019.

PEREIRA DE SÁ, S.. Cultura digital, videoclipes e a consolidação da Rede de Música Brasileira Pop Periférica. REVISTA FRONTEIRAS (ONLINE), v. 21, p. 21-32, 2019.

PEREIRA DE SÁ, S.. Contribuições Da Teoria Ator-Rede Para A Ecologia Midiática Da Música // Contributions Of Actor-Network Theory To The Media Ecology Of Music. Contemporanea (UFBA. Online), v. 12, p. 537-555, 2014.

---

REDAÇÃO, POPLine. **Mulheres no comando: conheça 5 produtoras musicais brasileiras.** POPLine, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/mulheres-no-comando-conheca-5-produtoras-musicais-brasileiras/>. Acesso em: 1 jul. 2022.

SÁ, Simone Pereira de. Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade. In: JANOTTI Jr, J.; GOMES, I.M.M. (orgs). Comunicação e Estudos Culturais. Salvador, EDUFBA, 2011. pp147-162

SANTOS, J. S.. Rap, periferia e questão de gênero: história e representações, 2016. Disponível em:  
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19497/2/Joelma%20de%20Sales%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 01 jul.2020

SÁ, S. M. A. P.. As cenas, as redes e o ciberespaço: sobre a (in)validade da utilização da noção de cena musical virtual. In: Jeder Janotti Junior; Simone Pereira de Sá. (Org.). Cenas Musicais. 1ed.Guararema: Anadarco, 2013, v. 1, p. 25-41.

SÁ, S. M. A. P.. Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade. In: Jdeder Janotti Jr; Itania Maria Mota Gomes. (Org.). Comunicação e Estudos Culturais. Salvador: EDUFBA, 2011, v. , p. 147-162.

SARDENBERG, Cecília M. B. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. Comunicação oral. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, promovido pelo NEIM/UFBA, Salvador, Bahia, p. 5-10, 5 jun. 2006.. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2020

TRAP: o guia definitivo (parte 1). RND. Disponível em: <https://portalrnd.com.br/trap-o-guia-definitivo-parte-1/>. Acesso em: 3 jul. 2022.

VEJA 10 promessas do rap nacional para 2020. Mais Minas, 9 jan. 2020. Disponível em: <https://maisminas.org/entretenimento/musica/veja-10-promessas-do-rap-nacional-para-2020/>. Acesso em: 3 jul. 2022.